

REPRESENTATIVIDADE DA LÍNGUA DE SINAIS EM ANIMAÇÕES INFANTIS: A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Keven Cristian dos Santos Belo da Silva¹
Wenis Vargas de Carvalho²
Marcio Hollosi³

52

Resumo em Libras



<https://youtu.be/Lc8thQsnPRU>

Resumo

O presente artigo tem como propósito explicitar a construção de caminhos de representatividade da Língua de Sinais a partir de animações infantis e produções cinematográficas populares. Como embasamento teórico e norteador deste trabalho o livro *Cenas Surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?* foi utilizado para pautar e pontuar com mais clareza as cenas onde é possível perceber o uso de Sinais e compreender sua importância na construção da representatividade de grupos minoritários. Além deste respaldo teórico, a obra *O Surdo: Caminhos para uma Nova identidade* também foi utilizado como sustentador das ideias e definições de termos a respeito da pessoa surda.

Palavras-chave

Representatividade. Língua de Sinais. Produções Cinematográficas.

Recebido em: 14/07/2022
Aprovado em: 23/09/2022

¹ Graduando em Letras, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: cristian.keven@unifesp.br

² Doutorando em Educação pela UDESC. E-mail: wenisvcarvalho@gmail.com

³ Doutor em Educação e Saúde pela UNIFESP. Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: hollosi@unifesp.br

REPRESENTATIVENESS OF SIGN LANGUAGE IN CHILDREN'S ANIMATIONS: THE SUBJECTIVE CONSTRUCTION OF PEOPLE WITH DISABILITIES

Abstract

This Scientific Initiation aims to explain the construction of ways of representing Sign Language from children's animations and popular cinematographic productions. As a theoretical and guiding basis for this research, the book *Cenas Surdas: will the deaf have a place in the heart of the world?* was used to guide and punctuate more clearly the scenes where it is possible to perceive the use of Signs and understand its importance in the construction of the representativeness of minority groups. In addition to this theoretical support, the work *O Surdo: Caminhos para uma Nova identidade* was also used as a supporter of ideas and definitions of terms about the deaf person.

Keywords

Representativeness. Sign language. Film Production

Introdução

Os caminhos de reconhecimento e identificação social são muito amplos e diversos, a construção do sujeito no interior de uma comunidade é algo significativo e determinante para a vida de qualquer ser humano. A partir do pressuposto de que um sujeito constrói o “Eu” somente a partir do contato com o “Outro” (LUZ, 2013), é que vamos pensar na dura jornada da pessoa Surda² ao longo dos anos e entender os percalços que os impediram no passado e que ainda hoje insistem em se perpetuar na contemporaneidade como impedidores de aparição.

Todavia, não podemos nos esquecer de que prontificar-se em conhecer alguém ou grupo é firmar um compromisso com suas histórias, pois foram elas que construíram esses indivíduos, as posições de prestígio ou marginalidade que ocupam, bem como sua subjetividade, representação e aparição no meio em que estão inseridos (MOURA, 2000, p.15). A História, no desenrolar dessa argumentação, será nosso grande alicerce, pois ela é quem nos mostrará o quanto nossa sociedade tem sido prolixa e burocrática no tocante às múltiplas defasagens que engendram o trajeto dos surdos em nossa sociedade. “Dissociar indivíduo e mundo é um ato teórico artificial e enganoso.” (LUZ, 2013, p 47)

Os autores Renato Dente Luz e Maria Cecília de Moura são teóricos renomados no campo de estudos da Psicologia e linguagem, sobretudo da Língua de Sinais, ambos me inspiraram poderosamente durante toda a leitura, o apreço e engajamento que têm por essa causa é de uma chama avassaladora que luta constantemente por mudança. Luz com sua abordagem a respeito das Cenas e suas representações, defende um aparecimento da comunidade surda em mais esferas e campos sociais. Moura traz um panorama diacrônico que nos permite estabelecer relações bastante precisas sobre a vida e história da pessoa surda no decorrer dos séculos, isso também permitiu um aprofundamento nesse mundo alheio ao dos ouvintes. Posso admitir que, praticamente, todas as sustentações teóricas deste projeto são provenientes dos pensamentos desses dois autores.

² Neste artigo optamos por usar o termo Surdo com letra maiúscula por acreditarmos na compreensão do sujeito Surdo enquanto parte de uma comunidade linguística e cultural. Termo definido por Carol Padden (1989)

A Posição do Surdo na sociedade no decorrer dos séculos

Analisar alguém ou um grupo é estabelecer relações com a história desses indivíduos, não há como dissociar indivíduo e história. No caso aqui proposto não é diferente, pensar e refletir sobre as condições do surdo na sociedade atual é um convite direto a saber como se construiu o espaço social desse grupo no decorrer da história. Maria Cecília de Moura, para exemplificar melhor esse conceito, cita em seu livro Antônio da Costa Ciampa que diz:

Quando relato a história de um surdo, quando penso na história dos Surdos, estou pensando em formas de organizações políticas e sociais que regeram e regem a formação de indivíduos com uma identidade própria. Essa formação de identidade não pode deixar de lado a história que a engendrou, desde que identidade é história. (CIAMPA, 1990, p.15).

Partindo desse pressuposto, veremos a seguir como algumas civilizações trataram o surdo e refletiremos então o quanto dessa bagagem ainda está presente no pensamento contemporâneo.

Começaremos na Grécia Antiga, com reflexões feitas por um dos maiores filósofos de todos os tempos, Aristóteles, que afirma a linguagem como sendo o único condicionante capaz de tornar humano um indivíduo (MOURA, 2000, p.16). Na lógica aristotélica, se alguém não tem acesso pleno à linguagem, logo não pode alcançar a humanidade, não pode absorver para si elementos tradicionais constituintes de sua comunidade. É interessante pensar que já na Grécia Antiga, surdos não eram compreendidos como civilizados, eram marginalizados, colocados numa posição quase selvagem por não se apropriarem da língua oral. É importante frisar que pensamentos de filósofos gregos perduram até hoje como verdades históricas que reverberam com o passar dos séculos. Aristóteles é um dos grandes símbolos do pensamento ocidental e constitui, até os dias atuais, o cânone de muitas vertentes teóricas. Todavia, pensamentos como o que acabei de citar, promoveram para a comunidade surda um desserviço exorbitante, os colocando em posição inferior e sem perspectiva de mudança.

Seguindo mais adiante, na Idade Média, a situação da pessoa Surda não apresentou nenhum progresso significativo, a igreja católica afirmava que pessoas surdas não poderiam ser salvas, logo que não podiam compreender as escrituras sagradas e proferir os sacramentos de salvação (MOURA, 2000, p.17). Vejamos que da Grécia Antiga ao fim da Idade Média, temos um pouco mais de

1800 anos de total esquecimento, marginalização, banimento religioso e exclusão social para a comunidade surda.

Posteriormente, a situação deprimente deste grupo não melhorou tão rapidamente, apesar de o fim da Idade Média e o começo da Modernidade terem promovido uma ascensão de teóricos da psicologia e da linguagem, todavia o interesse não era compreender o surdo, mas sim, compreender a surdez, pois o grande motor que movia suas pesquisas era a cura e não a compreensão do universo surdo. Não havia caminhos alternativos, dar um fim à surdez era o primordial.

Nos séculos posteriores à Idade Média e Moderna, já na contemporaneidade, apesar da grande ruptura do papel do surdo na sociedade, ainda vemos um tratamento objetificado da pessoa com surdez. Para exemplificar: o surdo não era ninguém até o fim da idade média; o surdo “ascende” à objeto de estudo na modernidade. Todavia, objetificar esse grupo fragilizou de uma maneira catastrófica sua formação como pessoa subjetiva, como alguém que sente alegrias, tristezas, dores, angústias, que tem sonhos, que ama, que é puramente humano. Para termos em mente o tamanho da crueldade nas pesquisas e na busca por uma cura, decidi trazer o relato a respeito de um dos pesquisadores do Instituto Nacional de Surdos-Mudos da França, Jean-Marc Itard:

Seu trabalho mais conhecido foi com o Menino Selvagem de Aveyron, que ele tentou “recuperar”, tendo fracassado em suas tentativas. Voltou-se então aos Surdos com os quais se dedicou a realizar experiências médicas no Instituto. Ele tentava descobrir causas visíveis para a surdez e constatou, como outros já haviam feito antes dele, que a causa da surdez não podia ser detectada visualmente. Para realizar seus estudos, ele dissecou cadáveres de Surdos e tentou vários procedimentos: aplicar cargas elétricas nos ouvidos de Surdos, usar sanguessugas para provocar sangramentos, furar as membranas timpânicas de alunos (sendo que um deles morreu por este motivo). [...] Ele também fraturou o crânio de alguns alunos e infeccionou pontos atrás das orelhas deles. Nada disto funcionou e ele considerou que nada poderia ser feito por ouvidos mortos. (MOURA, 2000, p.25).

Esse relato já é mais que suficiente para compreendermos a objetificação que mencionei mais acima, esse trecho do livro *O Surdo* nos faz refletir e perceber que os caminhos percorridos até poucos anos atrás buscavam resolver conflitos éticos dos ouvintes, mas em nenhum momento se discutia ou pensava no que era

melhor para os surdos (MOURA, 2000.). Isso sem mencionar com detalhes o advento do socialismo nacional que julgava pessoas surdas como indignas de se reproduzirem, muitas foram esterilizadas e impedidas de se relacionarem com pessoas semelhantes, não havia perspectiva de reconhecimento e autonomia para este grupo, uma vez que sua própria existência era posta constantemente como problema a ser resolvido. Pensar na construção subjetiva dos surdos é algo bastante novo, até meados do século XIX, ainda tínhamos um pensamento arcaico, capacitista e segregador no tocante às oportunidades de aparição para eles (LUZ, 2013).

O Surdo na contemporaneidade

Todo este movimento de representatividade, de aparecimento, de conhecimento a respeito da Língua de Sinais e da realidade da pessoa Surda no mundo, deve ser viabilizado ainda na infância, pois é nesse momento tão crucial de nossas vidas que descobrimos o mundo que nos rodeia, que construímos nossa imagem e *ethos*, que buscamos pertencimento e aceitação. Na infância construímos os sustentadores éticos e morais para a vida adulta, são as impressões e experiências nesse período que nos darão sustentação para modelar alguém único, um indivíduo subjetivo, ímpar, incompleto, mas que tem em sua formação individual condições para ser e aparecer nas esferas em que está inserido. É na infância que devemos ascender a Língua de Sinais entre as crianças, fazer conhecida as lutas que permeiam a comunidade surda, e tentar reparar no início de uma nova geração erros de tempos passados.

A fim de trazer essa pesquisa para um campo mais popular, decidi usar como exemplos de Aparição duas superproduções que ficaram populares nos últimos anos, a primeira delas *O Príncipe Dragão* (Villads Spangsborg; Giancarlo Volpe) que foi um grande fenômeno infantil no ano de 2018, lançado pela plataforma de streaming com o maior número de assinantes no mundo, a Netflix, a série alcançou facilmente o topo de animação mais vista em meados daquele ano. Uma das grandes novidades no longa foi a presença de uma personagem surda integrando a equipe de protagonistas e coadjuvantes. A outra produção é mais recente, lançada no ano de 2021, a nova equipe de super-heróis da Marvel *Studios*, também um dos maiores estúdios do mundo, Eternos

foi uma grande novidade por conter entre seus heróis protagonistas uma personagem surda, que é interpretada também por uma atriz surda.

Durante esse debate, trilharmos por um caminho de reconhecimento da pessoa surda e de seu processo de aparição no decorrer dos anos, considerando os processos históricos que os levaram até aqui (FREIRE, 2003). Durante este artigo teóricos renomados e superproduções populares se encontram, ambos com a finalidade de ascender o aparecimento da pessoa surda e entender que ainda na infância esse processo deve ser construído com o que será o futuro da sociedade.

É necessário integrar a Língua de Sinais nas telas de cinema, destruir as barreiras que impedem pessoas surdas de protagonizarem suas histórias, de serem heróis, vilões, pares românticos de alguém, combatentes numa guerra, entre muitas outras histórias que poderiam ser contadas a partir de um olhar diferente do que o que estamos acostumados. Fazer reconhecido o rosto dessas pessoas ainda na infância, fazer com que elas se reconheçam em seus ídolos, que encontrem em suas jornadas um lugar de aparecimento (LUZ, 2013).

“o cinema, com sua linguagem própria, ou seja, com suas imagens supostamente em movimento, mostra-se como uma possível ponte comunicativa para viver a alteridade que produz e revela o si-mesmo. Ele é um dispositivo humano tecnologicamente avançado de registro do movimento do nosso corpo comunicante entre Outros, ou seja, das ações e discursos dos próprios homens no mundo.” (LUZ, 2013, p.76)

Uma jornada de aparecimento eficaz

Embora exista um movimento crescente que reivindica direitos, ainda precisamos pensar no problema estrutural que embasa todo o conjunto de preconceitos e estereótipos presentes de maneira sutil na sociedade. É necessário pensar em práticas que mudem a estrutura em sua formação inicial, ou seja, no início da vida social das gerações posteriores, a infância é uma poderosa chave de mudança social, construir em esferas públicas locais de aparição populares capazes de fazer ascender uma nova sociedade que pensa no surdo como seu igual, como alguém que tem seus direitos, deveres, aptidões, dificuldades e muitas outras características comuns à todas as pessoas.

Super produções cinematográficas populares são de importante auxílio nesse momento, elas têm o poder de alcançar um número exorbitante de pessoas, de quase todas as classes sociais.

cada cena sonha em politizar a esfera pública. Inspirada em dispositivos narrativos diversos – o cinema, a literatura e a ciência- cada cena quer fazer germinar, poética e criticamente, a aparição de seus atores no presente e melhores condições futuras de aparição. (LUZ, 2013, p.87)

O Surdo precisa se identificar com alguém que aparece, só assim alcançará sua própria aparição, os percalços no caminho devem ser retirados para permitir o acesso verdadeiramente inclusivo, ações de cunho legislativo podem ser efetivas se forem colocadas em prática, é possível mudar mais ainda se o engajamento for mútuo. Acredito, assim como Renato Dente Luz, no poder cinematográfico, que já mostrou seu valor no decorrer da história. É necessário que as pessoas vejam Surdos, que entrem em contato com sua cultura e língua, que entendam seu mundo e se apropriem dele. Pensar que tudo isso pode ser construído também pelo cinema é bastante utópico, mas não é estranho pensar no cinema como um grande veículo de comunicação social e fundamentação ideológica, sendo assim, ele pode ser um grande baluarte de sustentação para o “palco de aparição” de grupos minoritários, como é o caso dos Surdos.

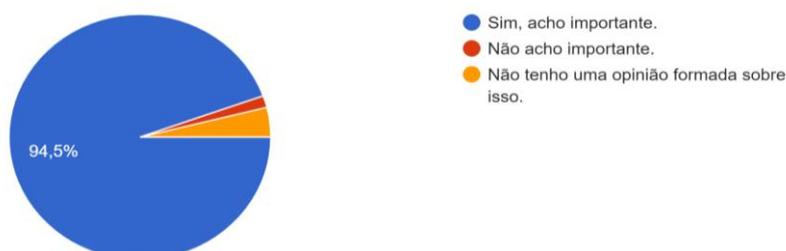
Levantamento de dados e hipóteses

A fim de ampliar um pouco mais os horizontes deste artigo, decidi criar um formulário para coletar algumas informações bastante simples a respeito desse tema. Eu estava movido por saber se as pessoas ao meu redor pensavam este tema assim como eu, gostaria de ter participação popular, por mínima que fosse, e pensar a partir desses números o quanto esse assunto ainda precisa ser difundido nos meios populares, sobretudo nas mídias digitais. O formulário foi respondido por 128 pessoas no estado de São Paulo, entre os dias 8 e 27 de abril de 2022. Fico muito realizado em poder compartilhar nesta publicação os resultados e considerações que fiz a partir deste senso.

Figura 1: Pergunta 1

Pergunta 1 - Você considera importante que personagens de animações infantis e filmes populares sejam representados por protagonistas surdos?

128 respostas

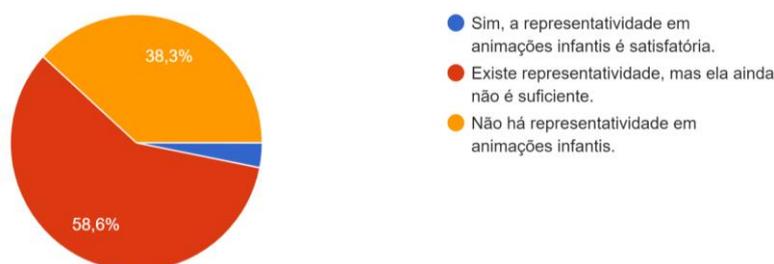


Na primeira questão, pensei que refletir sobre a importância dessa representatividade era o passo inicial para tratar esse tema com qualquer pessoa, se alguém julga algo como irrelevante, dificilmente se engajará por ele. Dentre as 128 pessoas que responderam, 121 acreditam ser importante, 5 não tinham uma opinião formada sobre isso e 3 não achavam importante. Um resultado razoável que mostra que uma porcentagem grande acredita, assim como eu, na importância da representatividade de surdos em animações infantis. A segunda questão era mais pessoal, cabia aos respondedores dizer se tinham algum personagem que os influenciou positivamente na infância. Tive, aqui, menções a inúmeros personagens de animações infantis desde a década de 70 até os dias atuais. Embora tenham aparecido muitas respostas positivas nessa questão, um número de 20 pessoas respondeu não ter um personagem incentivador na infância, a grande maioria justificou esse fato pela falta de acesso ao mundo cinematográfico da época, que era bastante escasso e restrito a classes sociais mais favorecidas. Isso mostra o quanto a formação cultural da sociedade atual também esteve submetida a restrições próprias das condições em que viviam.

A terceira questão é uma das que me deixou mais ávido e intrigado, teve uma votação bastante equivalente. A ideia, aqui, era saber se as pessoas que responderam o formulário acreditavam que havia representatividade suficiente em produções cinematográficas populares. 75 pessoas acreditam haver representatividade, mas não o suficiente. 49 pessoas acreditam não haver representatividade alguma. E 4 pessoas acreditam haver representatividade suficiente.

Figura 2: Pergunta 3

Pergunta 3 - Em sua opinião, você acha que existe representatividade suficiente em animações infantis e produções cinematográficas populares?
128 respostas

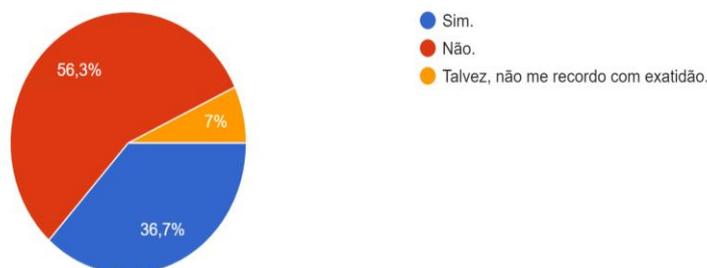


Na quarta questão foi perguntado aos participantes se nos últimos cinco anos eles haviam tido contato com alguma produção cinematográfica

protagonizada por surdos, a ideia aqui era fazer com que os participantes percebessem o quanto o mercado cinematográfico ainda é restritivo. Embora haja na contemporaneidade algumas produções em que surdos são coadjuvantes e, muito raramente, protagonistas. No Oscar deste ano (2022), tivemos uma ótima notícia: o ator Troy Kotsur levou o prêmio de melhor ator coadjuvante, tal feito é um marco para a história de luta e resistência da comunidade Surda, que teve até o momento, apenas dois nomes de pessoas surdas vencedoras do Oscar, sendo a primeira Marlee Matlin, que ganhou seu troféu em 1987.

Figura 3: Pergunta 4

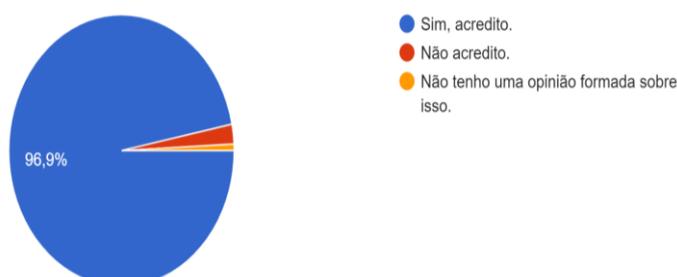
Pergunta 4 - Nos últimos 5 anos você teve contato com alguma produção cinematográfica protagonizada por surdos?
128 respostas



Para concluir esse pequeno formulário, pensei em acrescentar uma pergunta que me fizesse saber se de fato as pessoas acreditavam na relevância desse projeto, pois não seria muito significativo ter a participação de pessoas que não acreditassem, nem por um segundo, que trabalhos como esse podem ser efetivos nessa luta. É necessário debater esses assuntos, mas não somente nos âmbitos acadêmicos, mas sim levar a discussão à público, ouvir o que as pessoas pensam sobre isso, politizá-las, debater e construir esse caminho juntos. Fico muito contente em compartilhar os resultados:

Figura 4: Pergunta 5

Pergunta 5 - Você acredita que pesquisas acadêmicas, artigos científicos e discussões mais aprofundadas sobre esse tema podem ajudar na co...um caminho de representatividade mais efetivo?
128 respostas



CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÃO E AÇÃO

Apesar dos grandes ataques à pesquisa no nosso país, saber que muitas pessoas ainda acreditam na importância e legitimidade da ciência é algo que enriquece todo este trabalho. Recebi inúmeras mensagens de apoio, agradecimento, encorajamento e incentivo para continuar trilhando por esse tema. Além disso, várias pessoas se mobilizaram me mandando links, notícias, informações, contatos de surdos e intérpretes, materiais, livros etc. Tudo isso me leva a perceber que é possível mobilizar, o que falta é iniciativa e apoio.

A infância é, sim, um momento decisivo na construção ética de qualquer pessoa, é nessa etapa da vida que descobrimos o mundo ao nosso redor e nos percebemos como participantes ativos dele. Essa construção tem começo, mas nunca um fim, como Paulo Freire diz “somos seres condicionados, mas não determinados...” todos os processos e experiências nos transformam ao longo de nossas vidas, nos alterando quase que constantemente. Nossa sociedade foi fortemente condicionada durante muitos anos a ser como ela é, todavia ela não foi determinada, enquanto novas gerações surgirem sempre haverá novas perspectivas de mudança. Por isso o papel das animações infantis é fundamental na construção ética e moral dessas novas gerações.

É, portanto, imprescindível entender que é no contato com a memória das lutas, da cultura e das histórias das pessoas simples que um futuro menos excludente em nossa sociedade pode ser verdadeiro. É se interessar pelo Outro, não como alguém exótico e distante, mas ver naquilo que é diferente uma oportunidade de aparecimento e troca simbólica de ambas as partes (Bossi, 2003).

Um caminho de aparecimento é possível, acreditamos ser possível, o que falta é mobilização, ações efetivas na nossa legislação, mudança de pensamento estrutural (essa, sem dúvidas, é a mais decisiva), maiores espaços de representação na cultura popular, representatividade nas animações infantis, nos jogos, nas superproduções cinematográficas, nos livros, em todos os espaços de aparecimento. Apenas acreditar não é suficiente, mobilização e posicionamento são indispensáveis nessa causa. As palavras de Ecléa Bosi mencionadas acima trazem consigo toda a força discursiva necessária para a mudança, ela engendra muito bem o sentimento daqueles que acreditam numa sociedade mais justa e

igualitária, mais plural e com cenas de aparição mais efetivas, onde todos podem aparecer, onde todos podem se reconhecer, onde todos podem ser.

Referências Bibliográficas

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CIAMPA, A. C. A Estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção de Kevin Feige e Nate Moore. Estados Unidos: Marvel Studios, 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/ptbr/brand/marvel>. Acesso em: 16/11/2021

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LUZ, R. D. Cenas Surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo? Série *estratégias de ensino 41*, São Paulo: Parábola, 2013.

MOURA, M. C. O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PADDEN, C. The deaf Community and the culture of deaf people. In: Wilcox, Sherman (Ed.) American deaf culture: an anthology. Burtonsville. Lindtok Press, 1989.

PRÍNCIPE DRAGÃO. Direção: Villads Spangsborg e Giancarlo Volpe. Produção de Aaron Ehasz. Estados Unidos: Netflix, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80212245> . Acesso em: 16/11/2021